

Os sentidos da infância no genocídio palestino: interpretações sobre o curta-metragem “One day in Gaza” da Al Jazeera¹

Christina Ferraz Musse²

Débora Mattos Costa³

Raphael Domingos de Ávila⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Resumo

O curta-metragem “One day in Gaza”, idealizado, produzido e dirigido por uma jornalista e uma documentarista, e premiado nos Estados Unidos, foi gravado por dez moradores do enclave palestino, através de seus celulares, em 2023. Editado em pouco mais de oito minutos e disponível no canal digital da rede de TV árabe, Al Jazeera, o vídeo revela o cotidiano da guerra, em flagrantes pouco visíveis nas telas da imprensa hegemônica. Com a proposta de analisar os recursos narrativos mobilizados no documentário, utilizamos as categorias para Análise de Temas Sensíveis em Jornalismo Audiovisual (Musse *et al.*, 2022; Musse, Reis, 2024), destacando: contexto, vozes, edição, metáfora e metonímia, que nos permitem confirmar que, muito além do conteúdo chocante da dor e do trauma, a humanização do relato gera empatia e esperança em meio à tragédia.

Palavras-chave: Jornalismo audiovisual; Al Jazeera; curta-metragem; “One day in Gaza”; infância

Introdução

Este artigo pretende analisar os recursos narrativos mobilizados pelo jornalismo audiovisual na abordagem de temas sensíveis, como as guerras. Neste caso, investigamos a representação do conflito Israel-Hamas, iniciado em 7 de outubro de 2023, e que, até o momento, provocou a morte de mais de mil israelenses e estrangeiros, além de 200 reféns, e mais de 55 mil palestinos, destes, metade sendo mulheres e crianças, de acordo com

¹ Trabalho apresentado no GP de Jornalismo Audiovisual do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), coordenadora do projeto “Jornalismo de subjetividade: tempo e memória na representação de crianças em situação de conflito no jornalismo audiovisual e no jornalismo em quadrinhos”. E-mail: christina.musse@ufjf.br.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista Capes, integrante do projeto: “Jornalismo de subjetividade: tempo e memória na representação de crianças em situação de conflito no jornalismo audiovisual e no jornalismo em quadrinhos”. E-mail: mattos.debora@estudante.ufjf.br.

⁴ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista Capes, integrante do projeto: “Jornalismo de subjetividade: tempo e memória na representação de crianças em situação de conflito no jornalismo audiovisual e no jornalismo em quadrinhos”. E-mail: raphael.domingos@estudante.ufjf.br.

dados divulgados em junho de 2025 (Reuters, 2025). Para fazer esta análise, procuramos um produto audiovisual, que fosse realizado por uma organização não-ocidental. Assim, escolhemos a rede de comunicação Al Jazeera, fundada em Doha, no Catar, Oriente Médio, em novembro de 1996, e que pode ser assistida em todo o mundo. Como objeto de análise, escolhemos um curta-metragem de pouco mais de oito minutos, gravado com celulares, pela população local, e que se mostrou adequado para a aplicação das categorias formuladas pela Análise de Temas Sensíveis em Jornalismo Audiovisual (Musse *et al.*, 2022; Musse; Reis, 2024): contexto, vozes, edição, metáfora e metonímia.

Infância: metáfora e metonímia das guerras

A guerra, como fenômeno de devastação humana, não se revela apenas pela contagem de corpos, explosões ou acordos estabelecidos. Em sua dimensão mais sensível, ela se revela nos detalhes aparentemente menores, na forma em que afeta cada pessoa atingida por ela. Esses detalhes são mais expostos no jornalismo através das imagens, fotos e vídeos de pessoas feridas e desabrigadas em consequência do conflito. Essas imagens, recorrentes em coberturas audiovisuais produzidas dentro de zonas de conflito, muitas vezes têm crianças como personagens centrais e mobilizam uma narrativa estética e política marcada por metáforas e metonímias que colocam a infância no centro da experiência do trauma.

A metáfora, em seu sentido estrito, é uma figura de linguagem que opera por meio de comparações, ou seja, consiste em transferir o sentido de uma palavra ou expressão para outra, com base em uma relação de semelhança. No campo conceitual, ela estrutura nosso modo de pensar e compreender o mundo, normalmente, permitindo que noções mais abstratas sejam interpretadas a partir de noções mais concretas. Esta figura de linguagem é um recurso frequentemente utilizado no jornalismo, por ser, além de um recurso estilístico, um mecanismo cognitivo que orienta a organização do pensamento humano (Lakoff; Johnson, 2002). A partir desta concepção, podemos compreender que a metáfora, além de ter uma importante função comparativa que pode contribuir para o didatismo do texto, também pode influenciar na opinião do leitor, carregando um juízo de valor escuso.

No contexto da cobertura de conflitos, compreendemos algumas imagens, vídeos ou fotografias, como uma metáfora da guerra. Aqui, analisando principalmente imagens de crianças neste cenário, entendemos que a veiculação de fotos e vídeos de crianças feridas, desabrigadas e traumatizadas, podem ser entendidas como uma metáfora do

futuro daquele lugar. Ao mostrar uma criança em meio a ruínas, a reportagem não descreve apenas um fato físico, mas atribui ao estado de destruição da cidade um valor simbólico que ecoa a destruição de um tempo e de uma possibilidade de futuro. Em contextos de guerra, esse tipo de construção figurada torna-se um recurso para a composição de sentido: a criança inserida no contexto de uma cidade destruída torna-se metáfora do fim da infância, que remete a um futuro destruído; os destroços materiais tornam-se vestígios do que não será vivido.

Neste sentido, também podemos refletir sobre outra figura de linguagem que se relaciona com as imagens de crianças utilizadas para ilustrar trabalhos jornalísticos sobre a guerra, a metonímia. Esta segunda figura de linguagem que mobilizamos aqui, conceitualmente, substitui um termo por outro com base em uma relação de proximidade ou contiguidade. Diferente da metáfora, que se baseia na semelhança, a metonímia relaciona elementos que coexistem no mesmo contexto ou estão diretamente conectados. Duas das formas mais comuns de emprego da metonímia podem ser utilizadas para compreender o emprego dessas imagens em narrativas jornalísticas: a substituição do todo por uma parte, e a substituição de quem utiliza um instrumento pelo instrumento.

Através da metonímia, são criadas narrativas potencialmente mais sensíveis e dramáticas, que podemos observar tanto nas imagens em que vemos uma criança entre ruínas, representando todo o seu povo, como quando vemos brinquedos destacados em um cenário de guerra, representando as crianças que, um dia, os utilizaram. Dessa forma, se destaca o sofrimento através da imagem da criança, que tem maior possibilidade de gerar empatia. Da mesma forma, quando a narrativa audiovisual opta por destacar objetos infantis quebrados ou abandonados, a infância deixa de ser apenas uma vítima colateral e passa a ser o próprio centro da narrativa, o significante principal do trauma, exposto com uma linguagem de maior dramaticidade. A presença da criança é sentida, mesmo quando ausente. Cada fragmento torna-se testemunho e símbolo do que foi apagado.

Não se trata, necessariamente, de um apelo fácil à emoção, mas de uma forma de codificar o indizível. A infância, quando representada como aquilo que é interrompido, traduz de maneira potente a violência que não se esgota na morte física ou em uma consequência individual, mas que atinge também o futuro, a memória, o pertencimento e todo um povo. Nesse contexto, a infância em meio a um cenário de destruição transforma-se em metáfora do fim da esperança, da perda de humanidade e da falência da civilização. A imagem de um brinquedo entre ruínas ou de uma criança em meio à guerra comunica

de forma diferente de um discurso racional: ela atravessa o espectador não pelo que explica, mas pelo que faz sentir

A compreensão de que o uso de imagens de crianças em contextos adversos forma uma narrativa própria e subjetiva que, muitas vezes, torna um texto dispensável ou reducionista, evoca o exemplo da famigerada foto “O abutre e a garotinha” (1993), de Kevin Carter. A fotografia foi fruto de uma viagem de Carter ao Sudão com o objetivo de registrar os efeitos da fome provocada pela guerra civil no país. A fotografia mostra um menino - inicialmente identificado como menina - desnutrido, encolhido no chão, enquanto um abutre o observa a poucos metros, como se aguardasse sua morte.

A imagem foi utilizada para ilustrar uma matéria do jornal “The New York Times” sobre a guerra civil, publicada no dia 26 de março de 1993. Sobre a foto, uma breve legenda: “Uma pequena menina, enfraquecida pela fome, desmaiou ao longo do caminho para um centro de alimentação em Ayod. Perto, um abutre aguardava” (Lorch, 1993). A fotografia rapidamente rodou o mundo. Tornou-se um ícone da crise humanitária africana, mas também do papel controverso da imprensa diante do sofrimento alheio. A criança na foto foi interpretada por muitos como a representação última da vulnerabilidade, enquanto o abutre passou a ser comparado tanto com ameaça da morte, quanto com o olhar da mídia.

O próprio Kevin Carter foi profundamente afetado pela repercussão da imagem. Apesar de ganhar o Prêmio Pulitzer por ela, enfrentou duras críticas por não ter ajudado o menino imediatamente - embora ele tenha explicado que os jornalistas foram orientados a não tocar nos civis por riscos sanitários. Em 1994, um ano após a publicação da foto, Carter cometeu suicídio.

O corpo frágil do menino se transformou, como dissemos antes, em metáfora da humanidade fragilizada, e também em metonímia de toda uma população esquecida pelo mundo. Nesse sentido, também chegamos na reflexão de como a foto deste menino se tornou mundialmente famosa ilustrando uma matéria de jornal sobre a guerra em que estava inserido, mas sua história individual não foi contada nela e nem muito foi falado especificamente sobre a foto naquela edição do jornal. O que faz com que retornemos ao debate da dificuldade de se falar sobre essas imagens sem as reduzir.

No caso de “O Abutre e a garotinha”, devido à ampla divulgação e debates em torno da imagem, vários questionamentos surgiram sobre a história e futuro daquela criança. Somente a partir disso, outros jornais buscaram a história da criança, chamada

Kong Nyong, e sua vida passou a ser contada, seu pai foi ouvido e o desfecho da história, a sobrevivência imediata do menino, foi conhecida.

A grande diferença entre esses registros e aqueles à que temos acesso hoje é o uso intensivo de *smartphones* para captar sons e imagens, isto é, a documentação dos conflitos em tempo real e com uma proximidade dos fatos nunca vista. Muitas vezes, são pessoas comuns as vítimas e os narradores. Tal tendência parece ter sido iniciada na guerra entre a Rússia e a Ucrânia, em 2022. Crianças aparecem em várias das imagens captadas pelos celulares e transmitidas para todo o mundo. Essas experiências narrativas tão caras a gêneros como a biografia, o livro-reportagem, a crônica, são hoje celebradas como o atalho que possibilita ao jornalismo redescobrir um caminho de sobrevivência e de legitimação de sua narrativa. “É uma nova estética que invade as telas e que cria novos narradores, novos protagonistas da informação, no contexto de uma reconfiguração que busca a criação de vínculos emocionais com o noticiário (Musse *et al.*, 2022).”

A Al Jazeera: a primeira rede global de comunicação do Oriente Médio

A Al Jazeera foi lançada na capital do Catar, Doha, Oriente Médio, na sexta-feira, 1º de novembro de 1996, e foi o primeiro canal de notícias independente do mundo árabe. Até então, segundo o site institucional da organização, a mídia no mundo árabe era caracterizada por narrativas controladas pelo Estado que negavam ao público o direito de saber e de ser ouvido. “O slogan fundador do canal, ‘A Opinião e a Outra Opinião’, sintetizava a importância de trazer múltiplos ângulos para uma história, informando e empoderando o seu público, defendendo suas histórias e, ao mesmo tempo, mantendo o espírito de integridade jornalística” (SOBRE, 2025). De acordo com o site institucional da rede, a Al Jazeera Media Network tem sua sede no mundo árabe, com cerca de 70 escritórios ao redor do mundo e mais de 3.000 funcionários em 95 países. A organização tem amplo alcance global e está disponível em mais de 150 países e territórios (*id.ibid.*).

Em 2005, a emissora lançou um canal 24 horas ao vivo e, no ano seguinte, lançou um canal em inglês, para ter maior presença internacional. Em 2007, o que nos interessa bastante, aconteceu a criação de um canal para documentários. “Exibimos documentários para árabes, feitos por árabes. Sejam políticos, históricos, sociais ou culturais, nossa missão é fazer filmes brilhantes (DOCUMENTÁRIO, 2025)”. Segundo Gabriela Santos Lian (2013), a Al Jazeera fez a cobertura exclusiva de parte da guerra do Afeganistão, a invasão do Iraque, e o primeiro conflito em Gaza, em 2008, envolvendo Israel e o Hamas.

Sobre este último, Lian explica que toda a programação normal da TV foi suspensa, durante 24 horas. Apenas a Al Jazeera tinha jornalistas em Gaza, naquele momento, entre organizações da grande mídia, assim, só os seus correspondentes conseguiam narrar o que viam de perto: o sofrimento dos civis, a situação das escolas e a dificuldade em comprar comida (*id. ibid.*).

Agora, a situação é um pouco diferente: nenhum jornalista estrangeiro está no território de Gaza, o que provoca um verdadeiro apagão de notícias, mas a realidade das redes sociais faz com que pessoas comuns e muitos repórteres independentes narrem o conflito pela internet. Alguns atuam como correspondentes para grandes emissoras ou agências de notícias, que utilizam as imagens e áudios captados por eles para completar as suas coberturas⁵. Em abril de 2025, 171 jornalistas já haviam perdido a vida em Gaza, alguns, a trabalho, outros, enquanto estavam nas próprias casas. Entre os empregados da Al Jazeera, pelo menos dois perderam a vida, na guerra, outros perderam parentes próximos (Craveiro, 2025).

O curta-metragem “One day in Gaza” e os flagrantes do cotidiano da guerra

A partir de uma busca no site da Al Jazeera, localizamos a seção chamada “Close up”, que apresenta curta-metragens sobre temas da atualidade. Interessamo-nos pelo episódio intitulado “One day in Gaza”, em que produtores da emissora convidaram dez habitantes do enclave a registrar momentos de sua rotina. No site institucional, a emissora justifica a empreitada, dizendo que ninguém melhor que os próprios habitantes para falar do que estava acontecendo em um dia sob o cerco israelense.

Esta compilação de momentos das pessoas fornece um instantâneo de apenas um desses 70 dias de guerra, quando até as tarefas mais mundanas, como tomar banho, lavar roupa e preparar refeições se tornaram impossivelmente difíceis, quando o medo é constante e palpável, de que a qualquer momento a morte pode chegar do alto, enquanto Israel bombardeia incansavelmente toda a extensão da faixa sitiada de manhã até à noite. O resultado é uma história de resiliência e coragem (ONE, 2023, tradução nossa)⁶.

⁵ Apesar das tentativas, não conseguimos contato com esses jornalistas, para saber como eles atuam, se chegam a ter algum contrato trabalhista, ou recebem por serviços prestados, como freelancers.

⁶ No original: “This compilation of people’s moments provides a snapshot of just one of these 70 days of war when even the most mundane of tasks like showering, doing laundry and preparing meals has become impossibly hard, when fear is constant and palpable that at any moment death could strike from above as Israel relentlessly bombs the entire length of the besieged strip from morning to night. The result is a story of resilience and courage”.

O episódio de curta-metragem dirigido por Tierney Bonini, a chilena Antonia Perelló, e produzido por Bonini, Yara Eid e Ruwaida Amer deu à equipe, com grande presença feminina, o Prêmio Peabody⁷, que eles receberam, em solenidade realizada, no dia primeiro de junho de 2025, na Califórnia, Estados Unidos.

Em postagem no seu perfil no Instagram, a idealizadora, produtora e diretora Tierney Bonini, que se descreve como jornalista e *filmmaker* da Al Jazeera English, e mãe de duas crianças, fala sobre a emoção de ter feito um filme premiado:

Este filme só foi possível por causa da coragem extraordinária daqueles que compartilharam suas vidas e filmagens conosco, documentando o que podiam, quando podiam, com seus telefones. Adormecendo ao lado de seus filhos. Tocando violino para abafar o som das bombas. Buscando comida. Lavando meias com o resto de sua água. Pequenos atos desafiadores de sobrevivência em meio a um colapso inimaginável (Bonini, 2025, tradução nossa)⁸.

Estruturamos a análise a partir de cinco categorias: Contexto, Metáfora, Metonímia, Vozes e Edição. A categoria Contexto corresponde aos elementos verbais e não-verbais empregados para situar o conflito militar narrado no documentário sob uma perspectiva geográfica, histórica, política e social. A Metáfora abrange a construção textual e imagética que leva o espectador a abstrair do registro do fato para entender o significado do conjunto e a linha editorial que norteia aquela narrativa, a relação entre cada quadro ou sequência e a ideia a ser compreendida. A categoria Metonímia observa como a escolha de determinados detalhes das imagens e áudios conseguem sintetizar o trauma da guerra. A categoria Vozes destaca os enunciadores presentes e priorizados na narrativa audiovisual, enquanto a categoria Edição se ocupa dos elementos e das estratégias narrativas próprias da linguagem audiovisual presentes no produto, com a finalidade de potencializar determinadas produções de sentido.

Utilizando as categorias idealizadas dentro da Análise de Temas Sensíveis no Jornalismo Audiovisual (Musse *et al.*, 2022; Musse; Reis, 2024), podemos inferir que: a

⁷ A Al Jazeera ganhou mais um prêmio Peabody, em 2025, pelo documentário "The Night Won't End" ("A noite que não acaba", tradução nossa), mas esta produção não é objeto de nossa investigação neste momento.

⁸ No original: "This film was only possible because of the extraordinary courage of those who shared their lives and footage with us, documenting what they could, when they could with their phones. Falling asleep beside their children. Playing the violin to drown out the sound of bombs. Searching for food. Washing socks with the last of their water. Small, defiant acts of survival amid unimaginable collapse".

narrativa tem uma temporalidade cronológica, reforçando o que pretende o título, que é o de narrar um dia na vida dos palestinos que vivem em Gaza. Assim, a história começa com o despertar dos personagens, e percorre o que seria o dia claro, até chegar à noite, em que as imagens revelam a escuridão provocada pelo corte de luz e os clarões que surgem a partir dos bombardeios. Há uma alternância entre imagens internas e externas. O enquadramento é o típico das gravações com celulares: perpendicular ao chão. O uso de trilha sonora é restrito. Não há explicações sobre a localização geográfica ou a história da Faixa de Gaza, a impressão que se tem é de que os personagens falam por si, como pessoas comuns, sem recorrer a qualquer erudição ou a fontes especialistas. É como se a dor da guerra não precisasse de uma explicação racional para ser entendida.

O filme não localiza o dia das gravações, sabemos apenas que os registros são do início da guerra, ainda em 2023. Na sequência de abertura, a imagem de um bebê em uma incubadora e a legenda: “Temos quase a certeza de que estamos sozinhos agora” (tradução nossa) ⁹ é a metáfora do isolamento e da fragilidade, como uma premonição. Não há informações históricas, mas legendas como: “Mais palestinos morreram em Gaza desde o 7 de outubro do que na Nakba¹⁰ em 1948”. Muito além do que uma narrativa jornalística objetiva e imparcial, o curta-metragem capta emoções. As metáforas da existência estão nos rostos das crianças, que andam de bicicleta, desenham no pátio da escola, dormem umas junto das outras, recebem um carinho, ficam no colo ou choram por causa das bombas. É a tragédia da guerra ressignificada pela fragilidade, pela inocência, pelo que há de mais simples e cotidiano. Imagens em plano de detalhe ampliam a dimensão do laço afetivo: mãos que acariciam, o olhar profundo da criança que acorda, o copo de Nescafé, a chaleira com água para o chá, a vela para espantar a escuridão, rastros de uma rotina que ainda se insere nas brechas da guerra e da violência, como metonímias usadas para narrar o outro lado horror, muitas vezes inenarrável. No curta-metragem, a narrativa privilegia a delicadeza da intimidade para denunciar a fome, o medo, ou a dor. Até a morte surge de forma solene, sem estridência, sem a intenção de chocar, no choro da criança que lamenta a perda do pai, ou na cerimônia de despedida daqueles que morreram.

Neste tempo-dia, em que se desenvolve o filme, a maior parte dos sons captados pelos personagens é o do ambiente onde eles se movem, e que pode contemplar o solo de

⁹ No original: “We are nearly sure that we are alone now”.

¹⁰ A palavra árabe Nakba significa catástrofe ou desastre: o termo se refere ao êxodo palestino durante e após a guerra árabe-israelense de 1948.

um violino, ou as vozes que cantam uma canção. Os narradores são pessoas comuns: homens e mulheres adultos, na maioria, e alguns adolescentes e crianças. Há predominância de mulheres entre os enunciadores, talvez como uma influência das duas diretoras responsáveis pelo filme. Na sucessão de narrações, não há créditos para quem fala, assim, às vezes, não conseguimos identificar se aquele personagem já apareceu antes, qual é a sua profissão ou o seu nome. Os créditos só aparecem no final do curta-metragem. Talvez isso reforce a ideia do anonimato, de pessoas comuns. Apenas um personagem atua como jornalista, porque seu colete o identifica. Podemos ter uma participação direta, em que o enunciador é visto de frente, em enquadramentos diferentes, que privilegiam o plano médio, o primeiro plano ou o close, ou a narração pode vir em off. Sobre a imagem de ruínas, uma jovem diz: “Isto são os meus 17 anos de vida. Cheios de memórias, cheios de vida...”, representando uma metáfora da infância e da juventude perdidas. A maioria dos personagens fala em árabe, mas as legendas são em inglês.

A edição propicia um encadeamento bastante orgânico ao curta-metragem, e praticamente torna invisível o roteiro usado pela direção; a sequência de sons e imagens não provoca rupturas, e suprime a interferência da equipe profissional, como se tudo acontecesse da forma mais natural. Por exemplo, dentro de uma casa, ouve-se o barulho de um avião. Em seguida, aparece a imagem externa de uma explosão, gritos, crianças correndo. Um jornalista também corre. Finalmente, em outra cena, voltamos para a casa da mulher, que abraça uma criança e completa: “Acabou”. Outro exemplo: um homem procura um local para dormir e se junta a outros, que parecem estar deitados na rua. Na sequência, crianças também dormem amontoadas. A mãe chama uma delas, que olha para a câmera com um sorriso triste. No fim do dia, sem luz, uma mulher, com uma criança no colo, entoa uma melodia, cujos versos pedem que a paz volte para ela e que traga sua infância de volta.

Considerações finais

O curta-metragem “One day in Gaza” representa a dor e o trauma a partir do ponto de vista de pessoas comuns. Sem apelar para imagens chocantes ou grotescas, usa a delicadeza das crianças e das mulheres para representar o sentimento de destruição da vida. Uma forma de fazer jornalismo audiovisual capaz de gerar empatia e construir, apesar de tudo, a sensibilidade necessária, para gerar mais engajamento das pessoas ao redor do mundo, que lutem pelo fim da guerra e do genocídio praticado por Israel em Gaza. Neste caso, o que se busca é a humanização do outro, o respeito à diversidade, o

que pode se tornar mais potente como instrumento de mudança do que o efeito da saturação de imagens da destruição, tão comuns no cenário da guerra.

Referências

BONINI, Tierney. **One day in Gaza**. 2025. Instagram. @tierneyweb. 10 jun. 2025. Tierneyeb e outros 4. 19 mai. 2025. Disponível em: [Tierney Bonini \(@tierneyeb\) • Fotos e vídeos do Instagram](#). Acesso em: 02 jun. 2025.

CRAVEIRO, Rodrigo. Bombas israelenses já mataram 171 jornalistas em um ano e meio de guerra. **Correio Braziliense**. 21 abr. 2025. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2025/04/7116283-bombas-israelenses-ja-mataram-171-jornalistas-em-um-ano-e-meio-de-guerra.html>. Acesso em 15 mai. 2025.

DOCUMENTÁRIO da Al Jazeera. Al Jazeera. Disponível em: <https://network.aljazeera.net/en/channels/aljazeera-documentary>. Acesso em 22 mai. 2025.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Izabel Valladão. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LIAN, Gabriela Santos. **A rede de televisão árabe Al Jazeera: crescimento e relevância no contexto local e internacional**. Orientador: Paulo Daniel Farah. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LORCH, Donatella. **Sudan Is Described as Trying to Placate the West**. The New York Times, Nova York, 26 mar. 1993. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1993/03/26/world/sudan-is-described-as-trying-to-placate-the-west.html>. Acesso em: 22 mai. 2025.

MUSSE, Christina Ferraz *et al.* **Crianças na guerra: o telejornalismo brasileiro e a representação da infância**. Anais do XVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación. Buenos Aires: 2022. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1FQmK1CB8fLPs0klBUfV4R9kLUzA_Knnd. Acesso em: 20 mai. 2025.

_____; REIS, Susana Azevedo. **A infância perdida: a dor que (não) aparece no telejornal**. MELLO et al. (orgs.). **Telejornalismos possíveis: emergências e interseccionalidades**. Florianópolis: Insular. 2024.

ONE day in Gaza. Direção: Tierney Bonini; Antonia Perelló. Al Jazeera Close up. 15/12/2023. 8 min 51s. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/program/al-jazeera-close-up/2023/12/15/this-is-what-24-hours-of-our-lives-in-gaza-look-like-close-up>. Acesso em: 02 jun. 2025.

REUTERS. **Mortes em Gaza pela guerra passam de 55 mil, diz governo do Hamas**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/06/11/mortes-em-gaza-pela-guerra-passam-de-55-mil-diz-governo-do-hamas.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SOBRE nós. Al Jazeera. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/about-us>. Acesso em: 02 jun. 2025.